



*D*elmo *M*ontenegro

o amor em suas sístoles

porque não espero mais retornar
a urdidura dos pregos de Santo Cristo
suando a têtpora amarga
em veios de dor e chama
contra a caleidoscópica figura que de ti emana
canção vem pássaro coronário
amor pássaro sanguinário
a eclodir em vozes de metal
amor de odiosas carpintarias
vem amor despe a face
imanta o agave e o responsório
fecha a pústula
seja o cordeiro das vestes de ocre e avelã
e a música do meu sonho em clave de arroubo e chumbo

o amor é uma fala odiosa e mineral
que devora as páginas anciãs
que revolta as texturas do gozo e do ego
carpintaria de medo e pesadelo
vem amor tétrico carpinteiro
existem pólipos vampiros aos pés das ninfas
dragões de lantejoula e pérolas falsas
vem amor expor a nossa mobiliária marítima
o colorido dos nossos nervos
a dança dos verbos com as medusas
o mundo é feito de sal e ostensórios de velame e tombadilho
gira a tua fúria e tece os fios cadavéricos
o amor exige uma música armada e bandeiras de carne

já não há mais a memória na tua pele velha e usurpada
Zéfiro não sopra mais nos teus dias o canto escarlate
seca a selva cerebral
o ruidoso clarim das nossas criminalidades
o amor se fez ligeiro no teatro de nervos
tomou de assalto o palco dos assassinos
vem amor escarra nas páginas dos analectos
viola a fala carpideira desses óbitos gentis
vem amor escreve com a carne do teu sangue
um canto para velar a nossa dor e a nossa vaidade nas manhãs simoníacas
no teatro de fogo

composição das chuvas

não a excepcionalidade apenas o fácil
 apenas o medíocre da pele comum
do amor em sua estrofe demótica
não a excepcionalidade apenas o amor em sua santidade multívoca

ilhargas solares no ventre da palavra
 geografia erógena de linotipos cretenses
não a louvação assíria carnação d'ouro
 apenas o amor nas suas vestes de restelo
 apenas a camisaria dos refugos
 a tipografia solar
o curtume das letras em desgaste letras de espúrio
 camisaria de cândida e sulfa
do amor que nos abraça

em sua estrofe demótica

 apenas a paginação déspota de uma lei muscular
de ócios educação republicana
nosso livro é feito desta média macilenta aqueduto de zeros vagos

de nulos anímicos na carne dos impressos
de brancos febris
 faina medular dos abismos
 vacuidade de desejos
 a mediocridade impera na carnação da página
na composição do livro
 partitura andrônica
economia de excessos

ilha vocabular de necroses
úbere
pedra lacrimosa
 pélagos de sulfa
 o amor que nos abraça em sua fala demótica

em sua simplificação espúria
 o amor em suas chagas de restelo
 coroação da manhã feita aos borbotões sangüíneos
 nevrose de acácias

nosso livro é feito desta matéria macilenta deidade assíria

aquiescência de lábios voláteis
 paginação de fogos fátuos
 música eritréia
 santidade vocabular dos mortos expandidos

 nosso amor desobedece a descarnação rigorosa dos verbos
 as ilhas de paginação paterna

as árvores ascetas as ilhas de fogo impróprio

as águas psíquicas

não há nada de concreto aqui

nos espirais da fala
nada de cataclismos inoperantes
nada nesta massa dodecafônica
nesta casa de vespas
apenas uma combustão de signos sagitários
um vinho de abstração e letargia
entre sóis de espátulas e músculos decompostos
entre os sóis de algoritmos
eis a nova casa dissonante
o séquito das chuvas polissêmicas sobre o corpo
as musculaturas dementes
a taquicardia nas camisas de esperança
nos mares adultos contidos nesta prisão

não há nada de concreto aqui
nas paredes angulosas desta representação
nada de cataclismos inoperantes
apenas a expiação dócil dos nervos
apenas este mel dos clavicórdios
esta fala de arritmias

esta flor fabricada
esta flor de maceração líquida
porém há algo
contudo há algo de inópito nos frutos sonoros
na carne da tua derrisão
há algo na engenharia das peles fibráceas
os pequenos escândalos
as orquestras do azimute
as plurificações dos equinócios
as assinaturas volantes
as vespas incontidas na descarnação dos discursos

há algo na engenharia dos angiospermos

não há nada de concreto aqui
assim ensina a toxicologia das falas
assim ensina a educação inoperante dos cataclismos
os verbos dos heliantos
não há nada nesta massa sonante de sortilégios
a não ser a tauromaquia da servidão
a tauromaquia dos labirintos

o sol febril das cadências

a marcha ossiânica
o branco agônico da decantação lírica
o teatro das vespas

não há nada de concreto aqui

fábula do rio das Mortes

extrair do lodo e do cascalho

extrair do lodo e do cascalho
dos instrumentos de mercúrio sonante
o lastro inglês o lastro polvilhado
os cantos da Ílion aurífera

estes são os nojos do rio anêmico
a carnação tosca dos verbos
as peles do degredo
do asteróide ignoto da fala

extrair do lodo e do cascalho
a ilharga santa da inconsciência
o signo áureo circuncidado
extrair do lodo e do cascalho
as extrações de cândida
a nebulosidade dos fogos-fátuos

da maceração maquilar do rio
os frutos expurgos

a ilharga santa da inconsciência
a carga dos galeões de Espanha

o lastro inglês

pois aqui cessa a Musa
na decantação dos alforjes alquímicos
na violação do teu leito espectral
pois aqui cessa a Musa
na noite do armistício dos nomes
nas cadências do plenilúnio
o verbo é teu filho bastardo
os cantos da Ílion aurífera
no missal das potestades

nas raízes sulfurosas do vento
o rio

prende de paginações voláteis
o rio

anjo cardinal de apostasias
o rio

é apenas o instrumento

pois aqui cessa a Musa

na decantação das obras de Espanha

no folgado das causas estanques

no filho vocabular dos mênstruos

aqui cessa a Musa

pois não é possível mais cantar

o rio

prende de paginações voláteis

o rio

capitão de apostasias

as arcádias venais

respira a flor do laranjal
as alucinações do sol cítrico
o sol enlameado
as águas psíquicas da vertigem
respira o teatro agônico das vespas
os hexágonos melífluos
o sol enlameado
os amarelos esquarterados de tua senda consangüínea
os espólios frugais da moagem perene do verso
a draga de tuas composições nausíacas
o nojo solvente de tuas grafias corporais
as tiranias do sol adâmico
a draga do teu teatro das vespas
abastece a tonsura obrigatória das sevícias
os suores lexicais
sofre a tortura das acácias
a dissolução das alegrias coríntias
as escalas tripartites da tua dissonância
as águas psicóticas
as alucinações da tua verdade cítrica
de teu sol enlameado
as armaduras orgânicas
respira os amarelos necrosados na fala inóspita
a assembléia cretense de letargias
o sol artrópode dos teus vícios
a tonsura das neurastenias da palavra

composição anadiômena

aquele que obedece ao gesto
não destoa
da sua fala limítrofe
do seu canto de pulsão

aquele que obedece ao gesto
compreende a natureza do corte
os eflúvios do vácuo
a salinidade do mal-estar

o gesto emudece teus zoológicos marítimos

o gesto conhece o abismo
que é a tua pátria
o gesto é teu espelho cristalino

mar de pústulas salinas
quem é o indivíduo em
vocábulos de óxido
em vocábulos de fome
preceptor da noite
nas cisternas alcalinas

peixe que adestra
seu canto morto
que aflora de ruidosos minérios
o mar negativo de seu ente
vegetal

quem é o receptor
deste canto de escrutínio?

aquele que acredita no gesto
absolve tudo deste
mar polarizado de êxtase

aquele que acredita
não despagina o inacabado
sofre o inconsútil
renega mas não excede
viceja hidrólises plenas
mas não deforma a escrita
e a sua essência aquosa

capta desta escrita
o ruidoso desgastar dos blocos de luz
epifanias de álcool e a tintura dos corais sob a pele

êxodo

nos túneis de horror materno
nós caminhamos
 por ordem da rainha de Bethsabath
 nós caminhamos
 pelos túneis ancestrais de nossa narrativa edipiana
pés amarrados
 mãos cruzadas
 tateando pelo escuro pelas fossas
pelo sol pútrido das fezes
 caduceu das moscas
avançamos

 pelo Horror disforme
 em nossas máscaras
em busca de Alethéia — A Verdade

Alethéia — A Deusa adversa

de nossos círculos católicos

 por ti caminhamos como suplicantes
na noite batismal do exílio
 suportando o insuportável as substâncias fecais as pústulas
 os verbos do ânus
 todas as imputações de nossos crimes homoeróticos
todas as degenerações
 dos círculos do Inferno
 aqui estamos suplicantes

na chegada dos trens suásticos à Charleville

cantamos todos

 a messe negra portuguesa
 as sangrias do arrebol
 o teatro elétrico dos mortos

atravessando os túneis dos esquartejadores

os museus da História Natural do Medo

cantamos todos

 purgando aqui
 a nossa fala cadavérica e os estatutos da derrisão
 purgando aqui
os sóis acrósticos do vício
 os manifestos

vestindo a farda expressionista dos judeus do degredo

cantamos todos

a ciência da nossa morte